

BRANDÃO, R. de O. (1989) *As figuras de linguagem*. São Paulo, Ática. Série Fundamentos.

Resenhado por: Roberta Pires de OLIVEIRA
(Universidade Estadual de Campinas)

Tradição retórica, de um lado, e teorias modernas, de outro, configuram os dois momentos que Roberto de Oliveira Brandão privilegia, em *As Figuras de Linguagem*, para apresentar um panorama dos estudos sobre linguagem figurada.

A tradição retórica, origem das primeiras reflexões sobre o tema, organiza-se a partir de Aristóteles e Quintiliano. No Século XVIII, De Marsais e Paulham reforçam essa tradição, que persiste até o advento da lingüística como ciência. Daí surgiram teorias modernas mais "exatas", por possuírem uma base lingüística mais rigorosa, e um instrumental de análise mais preciso. O autor destaca, dentre estas, a poética de Jean Cohen, a de Tzvetan Todorov e a do Grupo (Dubois e outros).

Embora Roberto Brandão introduza as teorias modernas como um "conjunto de tentativas de dar novas explicações ao antigo fenômeno das figuras", é fácil notar que elas compartilham as mesmas teses da tradição retórica. Nesse sentido, há uma única teoria transvestida em metalinguagens distintas: a tradição retórica se atualiza em linguagens próprias a cada uma dessas correntes do formalismo-estruturalista. O mérito de *As Figuras da Linguagem* não é contrastar uma poética "antiga" a uma "nova" forma de ver o fenômeno da linguagem figurada, mas descrever, com acuidade, essa tradição antiga e alguns de seus frutos atuais. Roberto Brandão inscreve-se nesse estilo de pensamento que, aliás, é dominante - um saber cristalizado, perpetuado via gramática normativa, manuais de retórica e senso comum.

Explicitemos as teses nucleares dessa tradição: as figuras são uma "forma especial de falar", um uso não-natural da linguagem. Cohen fala em "desvio", "violação do código linguístico". Todorov lança o princípio da "anomalia"; o Grupo , a "reordenação", a mudança no código. Pressupõe-se, em outras palavras, a existência de um código, uma linguagem normal, natural - que "mostra como as coisas são" -, cuja função básica é referencial no sentido de que a primeira significação de uma palavra deve remeter a um objeto no mundo. As palavras são tomadas isoladamente, tendo cada uma por si mesma uma significação. Dessa linguagem nos afastamos quando utilizamos uma figura, que "atribui a uma palavra uma significação que não é a significação própria dessa palavra" (p.13).

Na tradição em que o livro de Roberto Brandão se enquadra, a linguagem figurada não altera o conteúdo de um "discurso" - apenas o obscurece (e daí o perigo de enganos, da ilusão, da mentira) -, já que para interpretá-la (decifrá-la) devemos recorrer à tradução para a linguagem normal. Seu uso se justifica na medida em que ornamenta, enfeita, dá expressão à imaginação e às emoções. Por si, ela não produz inovação, não fornece qualquer informação nova a respeito do mundo. Tais postulados são mais facilmente aceitos se lembrarmos que a linguagem é entendida como um sistema de tradução do pensamento, não podendo atuar como instrumento de transformação da realidade, modificando nosso modo de construí-la. A linguagem, nesse estilo de pensamento, apenas expressa relações já existentes.

A cada processo de tradução corresponde um tipo de figura: na metáfora, há a semelhança entre os termos; na hipérbole, o excesso ... Eis aí outro mérito de *As Figuras de Linguagem*: apresentar, de forma extremamente didática, as diferentes classificações das figuras de acordo com cada uma das poéticas abordadas. É claro que por se tratar de uma mesma tradição, as diferenças entre as classificações acabam sendo metalinguísticas (Vejam-se, a esse propósito, as definições de

"metáfora": p.21, retórica clássica; p.33 e 34, poética de Cohen; p. 76, Grupo).

As teorias modernas são, portanto, apenas superficialmente inovadoras. De fato, não são uma nova compreensão da linguagem figurada, o que não significa dizer que a nossa já velha conhecida teoria retórica seja a única abordagem válida. Há uma outra tradição, esta sim inovadora, que foi esquecida por Roberto Brandão.

Reflexões como as de I.A.Richards, Max Black, Beardesley, ... adotam essa outra perspectiva, que se estende até reflexões mais recentes, como as de Lakoff e Johnson, de Paul Ricoeur, ... Cada um desses autores propõe sua teoria, mas podemos dizer que eles compartilham algumas idéias. A diferença da tradição clássica, essa nova poética concebe relações estreitas entre linguagem, pensamento e mundo. A grosso modo, essas instâncias se constituem na medida em que interagem. Nesse sentido, uma alteração de linguagem, por exemplo a construção de uma nova figura, pode resultar num salto cognitivo, numa nova maneira de organizar o mundo. É por esse motivo que sua interpretação não pode estar baseada no processo de versão para o literal. Não há paráfrase possível sem que algo se perca. Não se trata, então, de uma semântica de palavras. As figuras de linguagem não são "desvios" do sentido literal, mas a elaboração de novos sentidos, através das relações que os termos estabelecem entre si no enunciado.

Não é meu objetivo tratar aqui dessa nova retórica. Gostaria apenas de alertar para a existência de um estilo de pensamento diferente e inovador com relação à retórica aristotélica, que merece ser estudado e difundido.